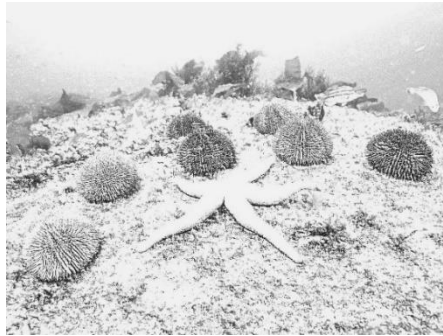




VIDA

Hélio Trigueiro



Eis uma questão, primordialmente, de ponto de vista. Depende do local e perspectiva de quem vê. Entra em cena o fator humano, de natureza sempre controversa, para dificultar uma definição precisa, até hoje inexistente. Inclusive, por muito depender da evolução da ciência, mesmo avançando ela cada vez mais rapidamente, imbuída de uma notável aceleração.

Enquanto dormimos a outra metade da humanidade trabalha, pensa, pesquisa: avança ao encontro dos esclarecimentos da ciência. É um processo ininterrupto.

Para quem crê, vida é um dom divino. Há que se respeitar.

O cientista a vê como uma sofisticada combinação de elementos químicos que compõem a base da matéria orgânica dos seres vivos: carbono, oxigênio, hidrogênio e nitrogênio. Já conseguiram até criar em laboratório, sob específicas condições de meio ambiente, um ser artificial, unicelular. Com vida.

Por outro lado, já o poeta, o filósofo, somente a concebem em um ambiente onde o catalizador seja a felicidade, porque vida sem felicidade não é vida – é o castigo dos infernos.

E para nós, pessoas normais, comuns, o que é ela, enfim?

A vida é algo pessoal e soberano, que não nos dá aviso prévio explícito de sua chegada ou partida.

Daí o elementar conceito de vida – É tudo aquilo compreendido entre nascimento e morte.

Tudo acontece à nossa revelia, obedecendo a certos desígnios – mas de quem?... Da coincidência? Do Destino? Da sorte?

Ela é quase uma instituição, uma característica de todos os seres vivos, que nascem, vivem e morrem. Nos reinos animal e vegetal.

É uma entidade tão ampla e abrangente que está presente em tudo que vive, variando pouco, de uma espécie a outra: Menos de 2% dos genes diferenciam os homens dos macacos.

Recentemente, descobriram – surpreendentemente – que o prosaico vegetal tomate apresenta um elenco genético muito mais complexo que o ser humano!

A vida é, por excelência, fruto de um processo evolutivo. Surgiu em determinadas fases da evolução do Universo. Nela, as condições específicas de meio ambiente possibilitaram seus surgimentos – para as diversas espécies. Era um determinismo circunstancial. Ela fatalmente teria que existir ali, naquele momento.

Os minerais atingiram condições de transformação e evolução e se metamorfosearam em compostos orgânicos.

E continua ela – a vida – sempre transformando-se, aperfeiçoando-se, enriquecendo-se pelas novas condições e experiências – por infinitesimais que sejam – que cada geração à ela acrescenta, agregando-as ao próprio DNA, que é, em suma, sua inteligência: a inteligência da vida. Aquilo que já se chamou de alma – há quem assim a veja e interprete. Convicções religiosas à parte.

A vida enseja sentimento de autodefesa, de perpetuação da espécie: segundo o conceito de Darwin, de evolução da espécie, sobrevive o mais forte. Na interpretação dos versos do então jovem poeta maranhense Gonçalves Dias:

A vida é combate que os fracos abate
Que os fortes e bravos só faz exaltar.

É um software de programação altamente complexa e pouco variável individualmente, mas que não deixa de ser uma singular programação – O DNA. Antigamente também chamado de destino.

Quem ensina às células do nosso sistema imunológico a combater o vírus invasor? Com quem nossas células saudáveis aprendem a cercar e conter algumas células cancerígenas que – de repente – se põem a se multiplicar desvairadamente, em louca velocidade formando tumores mortais?

Em que escola a gaivota solitária aprendeu a identificar correntes ascendentes de ar, que lhe permite manter-se em voo planado, possibilitando-lhe economizar energia e manter-se mais tempo voando?

Com quem apreenderam os animais a fazer sexo?

Com o instinto, contido na programação do DNA – a memória congênita de espécie.

Quem diz à elas – as células – durante a fase de crescimento do corpo, em que momento devem diminuir a velocidade de reprodução, por haver aquela determinada região do corpo atingido o ponto ideal de harmonizar a proporcionalidade das curvas, o que constitui, em suma, a essência da beleza? Segundo Aristóteles.

Ou ainda, por outra via, por que as células das válvulas cardíacas devem paralisar seus crescimentos para que haja uma vedação perfeita, permitindo a passagem do exato volume de sangue que levará energia – energia que é vida – à todas as células do corpo?

E o que é, enfim, a vida?

Pessoas vivem, desaparecem, mas ela continua. É o que se ouve, desde os tempos de criança. E é a pura verdade.

Ela é um fenômeno que faz parte da natureza, uma página da evolução do Universo.

Costumamos dela nos apropriar, ao chamá-la de nossa. Engano. Mas não é nossa, não nos pertence. Apenas somos tomados por ela e nossos corpos usados na missão de perpetuá-la.

Somos os transmissores da vida. Atletas corredores conduzindo suas tochas acesas. Quando nossas forças se exaurem, as entregamos ao companheiro de equipe para que possa prosseguir.

Como nos incorporamos à vida, na medida em que à ela agregamos uma microscópica contribuição ao DNA das células, também embarcamos nessa imensa e eterna composição, constituindo mais um elo dessa grande corrente chamada vida, que nos promove à eternidade.